

Diretor da OMS defende controle da natalidade

RUI MARTINS

GENEVBRA — O diretor-geral da Organização Mundial de Saúde (OMS), Hiroshi Nakajima, está em São Paulo para participar do Congresso Latino-Americano sobre Serviços da Saúde, onde fará o discurso de abertura. Desde julho de 1989 Nakajima dirige a OMS, criada em 1948, a partir de uma proposta do Brasil e da China. A entidade congrega 189 países e tem como objetivo ajudar todos os povos do mundo a ter o melhor nível de saúde. Formado em medicina pelo Tokyo Medical College, onde obteve o doutorado, Nakajima é adepto do controle da natalidade nos países pobres, essencial para haver saúde e desenvolvimento, ainda que isso desagrade ao Vaticano.

O diretor-geral da OMS, que está no País a convite do ministro da Saúde Henrique Santillo, falou a Rui Martins.

Estado - A OMS tem intenção de modificar sua política com relações aos substitutos do leite materno?

Nakajima - Dialogando ao mesmo tempo com os representantes da indústria interessada e com os principais grupos de defesa dos consumidores, chegamos ao seguinte consenso: a utilização do leite em pó não deve ser encorajada de maneira nenhuma como substituto da amamentação materna, que em quase todos os casos, é a mais apropriada para a saúde da criança e da mãe.

Estado - Sua comunicação, quanto à intenção de certos laboratórios farmacêuticos de se retirar da pesquisa para uma vacina anti-Aids, foi uma reação de sua parte às pressões que vem sofrendo dos EUA?

Nakajima - Externei minha preo-

cupação quanto à veicidade de certas empresas farmacêuticas de se retirar do esforço de pesquisa por uma vacina anti-Aids. Estou satisfeito por poder dizer agora, que, depois disso, recebi a confirmação de numerosas empresas, inclusive de grandes laboratórios farmacêuticos americanos, de que continuam plenamente empenhados no esforço da pesquisa.

Estado - Portugal deixará o Conselho Executivo em 1985. Acha que o Brasil poderá substituí-lo para assegurar uma representação dos países de língua portuguesa?

Nakajima - Não há delegações nacionais dentro do Conselho Executivo da OMS. Seus membros, designados pelos países eleitos para isso pela Assembleia Mundial, são personalidades eminentes que nele tomam parte a título individual. É impossível prever o resultado das eleições no próximo ano, mas não creio me enganar afirmando que o mundo de língua portuguesa será representado de maneira satisfatória.

Estado - Quando a OMS vai homologar a vacina anti-cólera para assegurar a vacinação das populações ameaçadas?

Nakajima - Não existe, infelizmente, nenhuma vacina contra a cólera que seja ao mesmo tempo eficaz e de longa duração. Atualmente, diversos testes de vacinas anticólera estão em curso na Ásia e na América Latina. Na Indonésia, por exemplo, a experimentação consiste em inocular uma vacina viva numa só dose. Esse teste, que começou no ano passado, deverá durar três anos.

Estado - O Brasil é dos países escolhidos para testar uma possível va-

cina contra a Aids. Do que se trata, tendo-se em conta as últimas afirmações de que não houve nenhum progresso nesse campo?

Nakajima - A OMS colabora com médicos brasileiros para realizar toda a pesquisa preparatória necessária à realização dos futuros testes de vacina anti-Aids no Brasil, dentro do respeito das normas científicas e éticas. O trabalho leva em conta a caracterização das cepas do vírus HIV encontradas no Brasil, a identificação de populações apropriadas à alta incidência do HIV e a repetição dos testes em pequena escala de vacinas já testadas nos países de origem. Estamos em fase de preparação para testes em grande escala, desde que que uma vacina apropriada seja identificada.

Estado - Quais soluções pode sugerir a OMS para um país, cujo sistema de saúde não funciona e onde a grande maioria da população não tem acesso aos cuidados médicos?

Nakajima - A falta de acesso aos cuidados médicos, particularmente pelos grupos mais carentes da população, é hoje um problema em numerosos países. A solução exige frequentemente reformas fundamentais nos sistemas de saúde, de sorte que os orçamentos sejam investidos nos serviços de saúde locais, como clínicas e hospitais, bem como o aperfeiçoamento de novos métodos de financiamento com o objetivo de fazer com que toda a população se beneficie dos cuidados, dos quais tem necessidade a um preço acessível.

Estado - Existem estratégias sanitárias aplicáveis a países com tantos contrastes sócio-econômicos como o Brasil?

Nakajima - A estratégia de base

da OMS, conhecida sob o nome de Saúde para Todos, foi preparada, no decurso dos anos, para enfrentar os problemas de saúde que surgem quando há um grande fosso entre os ricos e os pobres. Entretanto, cabe a cada país tomar os engajamentos políticos necessários para assegurar o funcionamento dessa estratégia.

Estado - Durante a última Assembleia Mundial da Saúde, o representante do Vaticano não escondeu sua oposição aos esforços aplicados pela OMS, no setor do controle dos nascimentos. Acha que o controle demográfico seria um ato de desenvolvimento e de melhor saúde para o Brasil?

Nakajima - A OMS acha que, por questões de saúde, os casais deveriam ter acesso em todos os lugares aos métodos de controle da natalidade, que estejam de acordo com seus sistemas de valor legais, sociais e culturais. Isso se

aplica tanto ao Brasil como a todos os outros países.

Estado - Acredita que a privatização dos hospitais, como é indicada pelo FMI, seria aplicável a países como o Brasil?

Nakajima - Trata-se, seja qual for o país, de se mobilizar todas as energias e os recursos financeiros possíveis, para se melhorar a saúde de suas populações. O que pode implicar esforços de privatização, embora não se trate de uma fórmula miraculosa aplicável em todos os casos. Compete a cada país determinar a medida na qual os setores públicos e privados devem unir seus esforços para assegurar o acesso para todos aos cuidados médicos, aos quais todos deveriam ter direito, neste fim do século 20.

TESTE DE
VACINA ANTI-
CÓLERA DEVE
DURAR 3 ANOS

LEITE EM PÓ
NÃO DEVE
SUBSTITUIR O
LEITE MATERNO